



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

BRANDÃO, F. O olhar e a condição esquizofrênica. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 1ª CONVENÇÃO BRASIL LATINO AMÉRICA e 9º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Foz do Iguaçu/PR. Centro Reichiano, 2004. CD-ROM. [ISBN - 85- 87691-12-0]. Acesso em: ____/____/____.

O OLHAR E A CONDIÇÃO ESQUIZOFRÊNICA

Frinéa Brandão

O olhar

A mais profunda inspiração que podemos experimentar é inspiração pelo senso do mistério. Essa é a emoção fundamental que inspira a verdadeira arte e a verdadeira ciência. Quem despreza esse fato, e não é mais capaz de se questionar ou de maravilhar, está mais morto do que vivo, sua visão comprometida. Foi o senso do mistério – mesmo se misturado com o medo – que gerou a religião. É esse conhecimento e emoção que constituem a verdadeira religiosidade; nesse sentido apenas, eu sou um homem profundamente religioso (EINSTEIN citado por GLEISER, 1997, p. 309).

Queremos definir olhar. Primeiro diferenciando-o da visão. A visão é o ato ou o efeito de ver, função sensorial operada pelos olhos sob os efeitos da luz. O olhar é dirigir os olhos para alguém, um objeto, objetos diversos ou para si mesmo, sabendo distinguir cada objeto e diferencia-los de si mesmo.

Diferente é a memória do olhar. A memória do olhar para nós é uma das funções do olhar. Nossa memória não reproduz com exatidão, mas reconhece com nitidez um objeto olhado, uma sensação vivida. Nossa memória nem pode reproduzir as imagens com exatidão porque ela precisa se apropriar dessas imagens e sons para construir diversas funções psíquicas como, por exemplo, os mecanismos de defesa.

E isso só se torna possível porque somos seres carregados energeticamente. Através dos vários movimentos energéticos conseguimos ligar e desligar, apreender, reter, representar, dentre outros movimentos dinâmicos.

Nossa hipótese é que os olhos e a pele são uma única coisa. Um precisa do outro para funcionar, captar, processar, significar. É impossível vivermos sem pele. E se vivemos sem o olho órgão, temos a pele que faz a função da percepção. E cremos que ela só é possível porque envolvendo nossa pele, temos um corpo energético que faz parte desse invólucro. Invólucro que faz parte de uma grande cadeia energética.

Esse corpo que acima de tudo é energético pode se expandir, encolher, transformar e transmutar. Sua velocidade é tão grande que ainda não inventamos nenhuma máquina capaz de medi-la.

Segundo Marcelo Gleiser (1997) em a Dança do Universo; os físicos dizem que não podem prever exatamente onde o elétron vai estar, mas apenas calcular a probabilidade de onde ele vai estar. Essa probabilidade pode ser calculada através dos argumentos de



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

BRANDÃO, F. O olhar e a condição esquizofrênica. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 1ª CONVENÇÃO BRASIL LATINO AMÉRICA e 9º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Foz do Iguaçu/PR. Centro Reichiano, 2004. CD-ROM. [ISBN - 85- 87691-12-0]. Acesso em: ____/____/____.

Schorödinger com a sua teoria da mecânica ondulatória. As partículas quânticas também se movimentam em ondas. Uma das teorias do funcionamento do universo é a teoria dos universos dinâmicos que descreve seu movimento através da expansão e contração, que pode através de ciclos se repetir indefinidamente. Como Reich imaginava. Como acreditava que nós, pequenas partículas desse universo, funcionávamos também.

Voltando ao olhar, que é o princípio de nosso micro universo, em relação com outros universos. Nosso primeiro contato com o mundo. Esse movimento do órgão olho é realizado com toda a pele. A condição do olhar condiz com a pele.

Sabemos que essa condição do olhar é também prescrita por regras culturais, lingüísticas, lógicas. Aqui no ocidente se pedirmos a uma pessoa para fechar os olhos e colocarmos em cada uma de suas mãos um martelo e um prego não só a pessoa o reconhecerá como vai saber exatamente para que serve.

Esse saber está implicado exatamente com o seu estado psíquico. Se for um operário, que está envolvido com seu trabalho ele pensará diretamente no aspecto útil dessas ferramentas. Se for uma pessoa que não tem costume de usar esses instrumentos, ela poderá ter momentos de dúvidas quanto ao reconhecimento, à utilidade e à intenção de quem a está experimentando.

Diante disso podemos dizer que esse simples martelo e prego podem se transformar conforme o estado psíquico da pessoa, sua idade, sua representação social, seu grau de aprendizagem e outras condições sócio culturais.

Quanto ao estado e momento psíquico da pessoa, que é o que mais nos interessa, esses objetos em questão podem ser percebidos com os mais diversos significados. Se for uma pessoa com muita raiva e que com intenção de assassinar alguém, certamente estes objetos terão na sua imaginação uma utilidade muito particular. Se for uma pessoa buscando uma solução para colocar um quadro na parede sua imaginação a levará para a ação e se ainda ela for uma pessoa que possui certa dose de generosidade seus sentimentos a levarão a uma sensação de bem estar, de possível agradecimento ao experimentador. Agora se for uma pessoa em grave sofrimento psíquico e se esse sofrimento psíquico for de se sentir perseguido ela imaginará o que esse experimentador pode estar querendo fazer com ela, ou estar querendo dela, ou ainda que reação deve ter para agradar ou mostrar ao experimentador que acertou o que estava querendo dele. Pode ir desde a busca da tentativa da reação adequada, até a reação imediata de agredir o experimentador.

Qual seria, portanto a diferença entre uma pessoa sem graves transtornos psíquicos e uma com graves transtornos psíquicos?



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

BRANDÃO, F. O olhar e a condição esquizofrênica. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 1ª CONVENÇÃO BRASIL LATINO AMÉRICA e 9º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Foz do Iguaçu/PR. Centro Reichiano, 2004. CD-ROM. [ISBN - 85- 87691-12-0]. Acesso em: ____/____/____.

Primeiro é bom explicar que não temos a pretensão de dar conta de respostas certas e precisas e sim de incluir experiências que vem com alguns anos de experiência clínica e estudos diversificados. Em segundo lugar estamos abordando um assunto difícil e que não há até o presente momento respostas. Se não há respostas não há dúvidas para aferirmos e explicarmos corretamente. Estamos num campo de trabalho, não de pesquisa, da qual não temos nem o mínimo de subsídios para referirmos ao nosso trabalho como tal. Queremos deixar claro que não se trata de uma pesquisa, mas sim de abordagens e observações que vem através de experiências clínicas em algumas instituições e no consultório. Principalmente de observações apreendidas no consultório, em clínica privada.

Compreendemos a clínica como uma espécie de equilíbrio entre a ciência, as artes, a educação e por vezes próxima até de alguns momentos que se passam nas religiões (falamos de transe, contatos profundos entre outros). O que queremos explicar que a nossa clínica é intercontextualizada, transversalizada. Não podemos perceber um sujeito sem sua inclusão sócio cultural e nem mesmo não podemos nos perceber sem essa mesma inclusão. Somos seres que se relacionam e que através dessas relações conseguimos criar espaços e contextos totalmente diferentes de outros seres que não criaram esses espaços e contextos em suas relações. Nós lemos e escrevemos, por exemplo. Relacionamo-nos também através de símbolos.

Vamos à pergunta: quais seriam as diferenças entre pessoas com graves transtornos psíquicos das que não tem graves transtornos psíquicos? Vamos até citar algumas diferenças, mas principalmente vamos nos ater a uma: o olhar. E, fazendo um recorte menor ainda vamos nos ater a um só tipo de transtorno grave: a esquizofrenia.

O que são transtornos esquizofrênicos?

Para a Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10, editado pela Organização Mundial de Saúde:

Os transtornos esquizofrênicos são caracterizados, em geral, por distorções fundamentais e características do pensamento e da percepção e por afeto inadequado ou embotado. A consciência clara e a capacidade intelectual estão usualmente mantidas, embora certos déficits cognitivos possam surgir no curso do tempo. A perturbação envolve as funções mais básicas que dão à pessoa normal um senso de individualidade, unicidade a de direção de si mesmo. Os pensamentos, sentimentos a atos mais íntimos são sentidos como conhecidos ou partilhados por outros e podem se desenvolver delírios explicativos, a ponto de que forças naturais ou sobrenaturais trabalham de forma a influenciar os pensamentos a ações do indivíduo atingido, de forma que são muitas vezes



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

BRANDÃO, F. O olhar e a condição esquizofrênica. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 1ª CONVENÇÃO BRASIL LATINO AMÉRICA e 9º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Foz do Iguaçu/PR. Centro Reichiano, 2004. CD-ROM. [ISBN - 85- 87691-12-0]. Acesso em: ____/____/____.

bizarras. O paciente pode ver a si próprio como o pivô de tudo o que acontece. As alucinações, especialmente auditivas, são comuns e podem comentar sobre o comportamento ou os pensamentos do paciente. A percepção é freqüentemente perturbada de outras formas: cores ou sons podem aparecer excessivamente vividos ou alterados em qualidade e aspectos irrelevantes das coisas comuns podem parecer mais importantes que todo o objeto ou a situação. Perplexidade é também comum no início e leva freqüentemente a uma crença de que situações cotidianas possuem um significado especial, usualmente sinistro, destinado unicamente ao indivíduo. Na perturbação característica do pensamento esquizofrênico, aspectos periféricos e irrelevantes de um conceito total, que estão inibidos na atividade mental normalmente dirigida, são trazidos para o primeiro plano e utilizados no lugar daqueles que são relevantes e adequados à situação. Dessa forma, o pensamento se torna vago, elíptico, obscuro e sua expressão em palavras, algumas vezes incompreensível. São assíduas as interrupções e interpolações no curso do pensamento e os pensamentos podem parecer serem retirados por um agente exterior. O humor é caracteristicamente superficial, caprichoso ou incongruente. A ambivalência e a perturbação da volição podem aparecer como inércia, negativismo ou estupor. A catatonia pode estar presente. O começo pode ser agudo, com comportamento seriamente perturbado, ou insidioso, com um desenvolvimento gradual de idéias e condutas estranhas. O curso do transtorno mostra igualmente uma grande variação e não é, sem dúvida, inevitavelmente crônico ou deteriorante (o curso é especificado pelas categorias de cinco caracteres). Numa proporção de casos, que pode variar em diferentes culturas e populações, a evolução é para uma completa ou quase completa recuperação. Os sexos são mais ou menos igualmente afetados, mas o começo tende a ser mais tardio nas mulheres (CID-10, p. 85)".

Podemos dizer que os CIDs são os esforços mais interessantes e completos do ponto de vista descritivo e fenomenológico para a compreensão dos mais variados transtornos mentais. Envolvem praticamente profissionais do mundo inteiro e os resultados obtidos nas mais diversas situações e culturas.

Sabemos que somos únicos. Segundo Jean Delumeau, (1997), desde os homens de Neandertal, que viveram entre 95000 a 35000, enterravam seus mortos de formas diferentes, com os mais diversos tipos de oferendas, formas de disposição delas e do morto em si, isso da França ao Oriente Médio. Só um ser que se sabe único pode inventar formas únicas de rituais e religiões. Antes de sermos o que somos já poderíamos saber o que seríamos...

Somos únicos há milhares de anos, como nos mostra Campbell, Grinzburg e outros antropólogos. Sabemos também que precisamos muito uns dos outros. Isso nos aponta toda a nossa história. Precisamos para sobreviver, viver ou morrer. Quantos poetas já escreveram se morrer todo mundo quem vai enterrar nossos mortos?

Segundo Reich, na saúde nos diferenciamos mais ainda. Ninguém é capaz de descrever comportamentos como os descritos pelo CID, se estes comportamentos forem saudáveis, felizes. Os pensamentos e as reações são únicos. Somos capazes de descrever sintomas e uniformizar comportamentos e até idéias (ideologias, por exemplo), mas nunca



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

BRANDÃO, F. O olhar e a condição esquizofrênica. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 1ª CONVENÇÃO BRASIL LATINO AMÉRICA e 9º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Foz do Iguaçu/PR. Centro Reichiano, 2004. CD-ROM. [ISBN - 85- 87691-12-0]. Acesso em: ____/____/____.

seremos capazes de uniformizar pensamentos e principalmente sentimentos.

Os sentimentos e as emoções nos tornam únicos, podem ser controlados, limitados, mas dificilmente podem ser eliminados.

Nos transtornos esquizofrênicos o que mais vemos são as emoções desorganizadas e/ou exageradas. É um ser que se torna terrivelmente só, preso em um pesadelo insuportável onde a ligação com o outro, a confiança se despedaça.

Reich diz que o olhar dessas pessoas quando estão transtornadas se perdem num profundo vazio, estão além de nosso alcance.

A função do olhar

Em 1922, Freud em *A Cabeça da Medusa*, utiliza-se do grego apotrófico, que significa desviar. Neste sentido a imagem terrificante da Medusa desvia o olhar do sujeito do que seria insuportável. O mais insuportável para o sujeito segundo Freud seria a própria ausência de imagem. Ver-se não refletido no olhar do outro. Ver-se ignorado pelo olhar do outro. Para ele por pior que seja a imagem que o espelho envia ao sujeito é menos angustiante que a total ausência de imagem.

Watzlawick e outros em *a Pragmática da Comunicação Humana*, na página 83, diz que a desconfirmação seria o principal veículo comunicacional numa família produtora de transtornos esquizofrênicos. E, ilustra suas hipóteses citando Laing e Lee que através de suas experiências clínicas percebem um tipo de comunicação bastante comum entre essas famílias a impermeabilidade. Na maioria das vezes as pessoas tornam-se impermeáveis aos afetos e palavras das outras. E isso é institucionalizado pelo membro da família que ocupa a maior posição de poder.

Para nós o poder é a forma possível dessas relações. É o poder no lugar do amor. Poder que se instaura na maioria das vezes desde os primeiros momentos de junção desse casal que formará mais tarde a família. Poder que é disputado sem a mínima necessidade, na maioria das vezes. É o poder pelo poder, inútil, vazio. Como o pai de Schereber descrito por Freud e Lacan. Segundo Lacan ele não exerce a lei, ele é a própria lei. O sujeito que é a própria lei seria a Medusa de Freud. Um sujeito que teria que se desviar dele o tempo todo. Um sujeito que causaria tanto dano com o seu não olhar que mil vezes se desviar. O sujeito que é a própria lei não confirma a não ser que se adivinhe o que ele quer naquele exato momento. Tentar fazer de tudo para adivinhar a próxima ordem, a próxima lei. Se tal adivinhação ou imitação não acontece os sujeitos por esse domínio ficam castigados pela sua própria



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

BRANDÃO, F. O olhar e a condição esquizofrênica. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 1ª CONVENÇÃO BRASIL LATINO AMÉRICA e 9º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Foz do Iguaçu/PR. Centro Reichiano, 2004. CD-ROM. [ISBN - 85- 87691-12-0]. Acesso em: ____/____/____.

incompreensão. Preferem fechar-se em si mesmos, em um mundo próprio, em seu próprio terror. Desliga-se dos outros e passa a sondá-los e se possível a assustá-los com sua raiva e sua própria incoerência. Tornam-se cada vez mais seguros em seus pesadelos construídos pela sua própria ilusão de autenticidade. Segundo Deleuze e Guattari (1976, p.146) “não é o sono da razão que engendra os monstros, mas antes a racionalidade vigilante e insone”.

Para nós, é através do olhar da função mãe, que o sujeito se constrói enquanto tal. O olhar, entendendo-se aí, olhar como principal expressão da percepção; tanto na sua forma captadora, receptora, como na sua forma ativa, expressiva.

Como Freud descreveu no Projeto para uma Psicologia Científica (1895, p. 411) é a percepção que forma o aparelho psíquico. Através do que se capta e do que se recebe através das relações afetivas.

A principal relação nos primeiros anos de vida é com a função mãe. Atualmente, diversas experiências podem comprovar tal hipótese. Como a experiência da mãe de arame. Harry Harlow e colaboradores fizeram a seguinte experiência com macacos. Observando a relação das mães com seus filhotes perceberam que as relações em que as mães tinham mais contato físico e carinhoso com seus filhotes eles ficavam mais bem preparados para a vida adulta, tanto do ponto de vista de buscar de forma mais eficiente sua alimentação, saíam-se melhor em disputas, arrumavam parceiros mais rapidamente para o acasalamento. Os cientistas resolveram colocar um filhote com uma mãe de arame que dava uma mamadeira nas horas certas para o filhote. Esse filhote até melhor alimentado que os outros, cresceu tímido, inibido, não conseguia sequer entrar em disputas e não conseguiu nenhuma parceira para acasalamento. A outra idéia foi colocar um filhote com uma mãe robô de pelúcia. Ela alimentava o filhote e conseguia imitar alguns gestos de carinho. Esse filhote tornou-se apático, depressivo, conseguia entrar em disputas que exigiam esforços menores, mais fáceis e se acasalavam se procurados, mas não conseguiam buscar parceiros. Os cientistas chegaram às seguintes conclusões: a maternagem é de extrema importância para a sobrevivência e principalmente é de extrema importância para a conquista de parceiros sexuais.

Além de concordarmos com as conclusões desse experimento, achamos que a maternagem constrói grande parte do psiquismo. Constrói o alicerce dele. O recalque primário, o narcisismo primário e que esses dois são o berço do ego como parte fundante da percepção e base para as relações pessoais e interpessoais.

E como isso se processa? Nossa linguagem, nossa cultura, nossos gestos são muito mais complexos que de qualquer outro mamífero. Achamos que parte desse processo não difere de nenhum outro mamífero, à parte que tem a ver com a forma de sobrevivência descrita



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

BRANDÃO, F. O olhar e a condição esquizofrênica. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 1ª CONVENÇÃO BRASIL LATINO AMÉRICA e 9º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Foz do Iguaçu/PR. Centro Reichiano, 2004. CD-ROM. [ISBN - 85- 87691-12-0]. Acesso em: ____/____/____.

acima. Pensamos também que temos mais etapas nessa história. Para começar levamos muito mais tempo para ficarmos totalmente independentes. Em parte, pela própria cultura que criamos tão complexas e com tantas transversalidades que chegam às vezes ao intrincamento. Nesse intrincamento tem desde os que sucumbem até aqueles que não só não sucumbem como conseguem ser felizes, e permeando tudo isso tem aqueles milhares de perdidos, doentes, infelizes, vazios e solitários. Então, como se dá esse processo?

Principalmente através do olhar da função materna, que cria e recria a capacidade de percepção, um aparelho psíquico mais funcional, mais forte. Para nós o olhar materno ajuda a formar a capacidade de sentir e perceber através da pele. Isso além de ser gerador do aparelho psíquico, é o gerador do nosso campo energético que nos liga ao invisível, ao cosmos, ao maior.

Para Reich o contato amoroso através do olhar e da pele da mãe com o bebê, é o principal fundamento no sentido de alicerce de um ser que é, que tem contato, que é amoroso e é capaz de expressar generosamente esse amor.

A função desse olhar seria a de tocar o outro amorosamente, perceber o outro, reconhecê-lo como um outro que tem significado afetivo, um lugar no mundo. A função mãe dá o contorno de nosso próprio corpo, a extensão do nosso olhar. A função do olhar do pai complementa nos dando um nome, uma inscrição no mundo do simbólico, do cultural. A função mãe e pai são uma única moeda, com as faces se interpenetrando. Não existe uma face mãe e uma face pai. Existem interpenetradas de acordo com a existência do sujeito. Existe até uma face para cada função no biológico e em algumas interfaces da cultura há uma nítida separação. Mas, na questão do psíquico, do afeto, não existe uma nítida separação. Até para que possamos nos relacionar e sobreviver aos intrincamentos que provocamos.

O momento e a intenção é que faz a separação do que é função mãe do que é função pai. A função mãe é geradora, constituinte, cuidadora. A função pai é protetora, ordenadora, autonômica. A função mãe liga, a função pai desliga. A função mãe faz a vida, processa a criação; a função pai provoca a morte do que não é mais necessário, processa a transformação. Uma função é totalmente interligada e interdependente da outra. As duas são igualmente formadoras do nosso aparelho psíquico. Uma vez internalizadas são responsáveis pela nossa capacidade constante de mudança, adaptação e saúde mental.

Qualquer mecanismo psíquico seja de defesa ou não é realizado pelo nosso campo energético. O nosso campo energético, como diz Reich em quase toda sua obra, é mutável e capaz de movimentos que ainda desconhecemos. Está todo o tempo se movimentando. Movimentos na maioria das vezes são extremamente rápidos. Quando adquirimos capacidade



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

BRANDÃO, F. O olhar e a condição esquizofrênica. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 1ª CONVENÇÃO BRASIL LATINO AMÉRICA e 9º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Foz do Iguaçu/PR. Centro Reichiano, 2004. CD-ROM. [ISBN - 85- 87691-12-0]. Acesso em: ____/____/____.

de contato, que é estar sempre vivendo o presente, no presente, em relação inter e intrapessoal, podemos perceber essas mudanças do nosso campo energético. Mudanças realizadas principalmente através de dois movimentos principais: a contração e a expansão, num ritmo de pulsação.

A função do olhar que não acontece só através dos olhos, mas da sua extensão a pele se dá através do campo energético e afirmamo-la é constituinte durante toda a vida do nosso aparelho psíquico.

O oposto do estar em contato, potente, feliz é estar transtornado e um dos transtornos mais penosos é o dos que tem esquizofrenia, onde como diz Reich o olhar passa através do outro.

Conclusão

Transtorno esquizofrênico assim como qualquer outro transtorno é uma condição. E condição entendemos como um estado, um estado possível. Como entende Reich uma defesa. E como tal defesa quanto mais fortalecida é maior o objeto defendido. Quanto mais especializada, mais antiga.

Nos transtornos esquizofrênicos encontramos todas essas condições. Ele pode ter seu começo, ou suas raízes na vida intrauterina. No final do primeiro mês o feto já apresenta o começo de um encéfalo. Ao final do segundo mês os impulsos cerebrais do embrião coordenam a função de seus sistemas orgânicos. Os órgãos sexuais estão em desenvolvimento; os batimentos cardíacos são firmes. O estômago produz sucos digestivos; o fígado, células sanguíneas. Os rins removem o ácido úrico do corpo. A pele agora é suficientemente sensível para reagir á estimulação tátil. Se um embrião abortado de oito semanas é tocado, ele reage flexionando o tronco, estendendo a cabeça e movendo os braços para trás.

Pode ser que se esse embrião passe por momentos de grande contração e essa contração for algo traduzido por uma ausência, pela mãe não ser um sujeito desejante, por compartilhar o inconsciente dessa mãe que pode ser também mais geradora de desprazer do que de prazer, de terror que de segurança, pode começar aí um traço de uma possível condição esquizofrênica a ser atualizada ou não mais tarde.

Se esse embrião se desenvolve e nasce e for alimentado por uma mãe de arame ou de pelúcia, sem ou com pouca energia nessa pele, ele pode ir gradativamente formando um núcleo de traços mnêmicos da ordem do medo. Se crescer e for olhado constantemente pela



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

BRANDÃO, F. O olhar e a condição esquizofrênica. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais. 1ª CONVENÇÃO BRASIL LATINO AMÉRICA e 9º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS.** Foz do Iguaçu/PR. Centro Reichiano, 2004. CD-ROM. [ISBN - 85- 87691-12-0]. Acesso em: ____/____/____.

Medusa de Freud e não tiver nenhum pai Teseu que corte a cabeça dessa Medusa ele certamente irá desenvolver um transtorno esquizofrênico. Pelo menos ficará aprisionado em seu próprio mundo de dor que tem um olhar que pelo menos lhe devolve um reflexo.

REFERÊNCIAS

AMARO, F. Descartes' error. São Paulo: **Revista Millenium**, nº 2, abril de 1976 ANZIEU, D. **O Eu-pele.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1989.

BRANDÃO, F. **A Importância da massagem.** Rio de Janeiro: CRET do RJ, 1995. Disponível em: www.universoreichiano.com.br.

DELUMEAU, J. **De religiões e de homens.** São Paulo: Edições Loyola, 2000. DELEUZE, G.

GUATTARI, F. **O Anti-Édipo.** Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, S. Além do Princípio de Prazer. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, vol. XVIII, 1969.

GLEISER, M. **A Dança do Universo.** São Paulo: Companhia das Letras, 1997. GONÇALVES, L. **Arqueologia del Cuerpo.** Montevideo: Lapsus Ltda, 1999.

REICH, W. **Análise do Caráter.** Portugal: Martins Fontes, 1972. REICH, W. **O Éter, Deus e o Diabo.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Frinéa Brandão / Rio de Janeiro / RJ / Brasil

E-Mail: frineabrandao@uol.com.br